

Introdução: Comum no dia a dia dos profissionais de enfermagem, a punção venosa periférica está presente em aproximadamente 80% dos procedimentos realizados em ambientes hospitalares, proporcionando infusão medicamentosa, antibioticoterapia, administração de contraste para exames e também a realização de procedimentos hemoterápicos. Prática cada vez mais comum dentro dos serviços de hemoterapia, a exsanguineotransfusão parcial é um procedimento de troca parcial de volemia dos pacientes portadores de anemia falciforme. Esse procedimento necessita de um acesso venoso de qualidade e calibroso, para que o procedimento dê-se sem maiores complicações ou obstruções, devido a viscosidade sanguínea característica da própria patologia. Atualmente, obteve-se como aliado a utilização da ultrassonografia para obtenção deste acesso venoso, garantindo segurança e menores riscos ao paciente, bem como maior segurança ao profissional responsável. **Descrição do caso:** Relatar a experiência de enfermeiras de hemoterapia na realização de punção venosa periférica orientada por ultrassom para obtenção de rede venosa de grande calibre para o procedimento de exsanguineotransfusão parcial. **Métodos:** Trabalho descritivo acerca da experiência de enfermeiras na prática de punção venosa periférica orientada com o Ultrassom Site Rite V, em um hospital universitário do sul do país. **Resultados:** No programa de exsanguineotransfusão parcial realizado em regime de ambulatório, existem uma média de 20 pacientes que comparecem mensalmente para a realização do procedimento. Cerca de 60% desses pacientes necessitam de punção venosa periférica orientada por ultrassom. Os vasos utilizados com maior frequência são a veia basilíca e veia braquial por serem de maior calibre. Devido a sua profundidade, cateteres de maior comprimento são necessários para que a punção seja o mais segura possível. São utilizados dispositivos de calibre 20 G e 18 G, de 45 mm e 64 mm. A punção é realizada por enfermeiro devidamente capacitado para o uso do aparelho de ultrassom. **Conclusão:** O uso de ultrassonografia para orientação de acesso venoso periférico de grande calibre para execução de exsanguineotransfusão parcial é uma prática recente e segura realizada por enfermeiros hemoterapeutas capacitados. Seu uso acarreta menor exposição a múltiplas punções e complicações locais, como hematomas, infiltração e flebite, bem como, complicações sistêmicas, tais quais, infecções e embolias. Reforça-se, ainda, que esta técnica além de reforçar a segurança do paciente, torna o procedimento mais assertivo, menos traumático e melhora a experiência do paciente, sendo prioritário em pediatria.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105246>

ID – 1631

REAÇÕES INFUSIONAIS EM ONCOLOGIA: ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E MANEJO

IK Costa^a, BE Grigio^a, MCV Barros^a,
GIV Abreu^b, PR Spies^a, TRS Meller^b, VS Cezar^a,
RS Lopes^a, PRS Bedin^c, AF Zanchin^a

^a Universidade Federal de Ciências da Saúde de
Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

^b Grupo Hospitalar Conceição, Porto Alegre, RS,
Brasil

^c Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto
Alegre, RS, Brasil

Introdução: As reações infusionais são eventos adversos comuns em pacientes oncológicos submetidos a agentes antineoplásicos, imunobiológicos e hemocomponentes. Suas manifestações clínicas variam de sintomas leves, como febre e náuseas, a quadros graves, como anafilaxia e choque. Tais eventos impactam a continuidade do tratamento, aumentam hospitalizações e afetam a qualidade de vida. Diante desse cenário, a enfermagem é fundamental na detecção precoce, intervenção imediata e implementação de estratégias preventivas, assegurando um cuidado seguro e centrado no paciente. **Objetivos:** Analisar a atuação da enfermagem na identificação, prevenção e manejo de reações infusionais em pacientes oncológicos, por meio de revisão da literatura científica. **Material e métodos:** Foi realizada uma revisão integrativa da literatura nas bases PubMed, Embase e Scopus, utilizando os descritores: “reações infusionais”, “enfermagem”, “oncologia” e “eventos adversos”, combinados pelos operadores booleanos AND e OR. Foram incluídos artigos publicados entre 2019 e 2024, nos idiomas português, inglês e espanhol. **Discussão e conclusão:** A literatura demonstrou que as reações infusionais ocorrem com maior frequência nos primeiros ciclos de tratamento, especialmente com anticorpos monoclonais, imunoterapias e quimioterápicos. Os sinais mais recorrentes incluem calafrios, dispnéia, prurido, erupções cutâneas, dor torácica e hipotensão. A atuação da enfermagem é crucial na vigilância clínica contínua, interrupção imediata da infusão ao surgimento de sintomas, administração de suporte farmacológico e comunicação eficiente com a equipe médica. A eficácia do manejo das reações infusionais depende da agilidade e conhecimento técnico da enfermagem. A adoção de protocolos institucionais baseados em evidências, treinamentos periódicos e padronização de registros contribui significativamente para a segurança assistencial. A orientação prévia ao paciente sobre possíveis sintomas também favorece a notificação precoce. A capacitação contínua da equipe e a existência de planos de ação emergenciais são determinantes para um manejo eficaz e para a minimização de desfechos adversos. A enfermagem ocupa posição estratégica na prevenção e no enfrentamento de reações infusionais em oncologia. O reconhecimento precoce dos sinais clínicos, aliado a intervenções baseadas em evidências e ao uso de protocolos bem definidos, contribui para a redução de riscos, a otimização da segurança do paciente e a humanização do cuidado. Investir na formação continuada e na estruturação de fluxos de atendimento específicos é fundamental para fortalecer a segurança do paciente e aprimorar a qualidade assistencial oncológica.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2025.105247>